

ANTES E DEPOIS DO GALPÃO: REFLETINDO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE FORMADORES/EDUCADORES NAS UNIDADES DE TRIAGEM

Nicássio Martins da Costa¹
nmcnicassio@terra.com.br

Tiago de Mello Cargnin²
tiago.cargnin@unilasalle.edu.br

Resumo: Tendo como base um questionário aplicado com os colaboradores do Tecnosocial Unilasalle, realiza-se uma reflexão baseada nas impressões formadas em momentos distintos da vivência de cada um dos entrevistados, demarcados pelo antes e depois de sua inserção no ambiente de trabalho de unidades de triagem (UTs) a partir de projetos ligados à Economia Solidária desenvolvidos pelo organismo mencionado. Para fins de obtenção de um resultado amplo, a análise volta o foco para elementos de natureza teórica, prática e por vezes relacional, na busca do entendimento de como se desenvolveram as percepções dos sujeitos mediante a mudança de ambiente proporcionada pelo trabalho nas UTs.

Palavras-chave: Tecnosocial, senso comum, unidade de triagem, catador.

Abstract: *Based on a series of interviews with Tecnosocial Unisalle collaborators, we conducted an study based on impressions formed under distinct moments of the interviewees living before and after their inception on the trial units (UTs, in portuguese) on projects linked to Solidary Economy each was developed by the mentioned organization. Aiming to accomplish an extensive result the survey are focused on elements of theoretic, practical and, partially, relational nature, looking for comprehend how the subjects perception was evolved under the environment changes generated by working on the UTs.*

Keywords: *Tecnosocial, comum sense, Units Trial, Catador*

¹ Acadêmico da Graduação em História, Bolsista de Iniciação Científica do Projeto *Enunciar Cotidianos Produzindo Narrativas: olhares, imagens e diálogos no cotidiano do catador*.

² Professor e Pesquisador do Centro Universitário La Salle (Unilasalle).

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma reflexão realizada a partir de relatos dos formadores/educadores³ do Tecnosocial Unilasalle sobre suas impressões prévias e também sobre as geradas com as incursões desses sujeitos no ambiente de trabalho das unidades de triagem (UTs) do município de Canoas. O texto faz parte do trabalho teórico/empírico de suporte ao projeto de pesquisa *Enunciar Cotidianos Produzindo Narrativas: olhares, imagens e diálogos no cotidiano do catador*.

O Tecnosocial Unilasalle é um organismo ligado ao Centro Universitário La Salle de Canoas que objetiva a criação de tecnologias sociais voltadas à economia popular solidária. O Tecnosocial Unilasalle foi criado pela Resolução nº 144, de 22 de março de 2010, e teve suas atividades iniciadas no mês de maio do mesmo ano. Está dividido em três seções: Incubadora de Empreendimentos Solidários, desenvolvimento de projetos e pesquisa.

Esse estudo traz reflexões acerca do trabalho realizado pelos sujeitos atuantes na área dos empreendimentos solidários na Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários do Tecnosocial/Unilasalle, sob uma perspectiva de mão dupla, considerando não só os trabalhadores das comunidades onde estão alocadas as UTs, mas também aqueles que são os formadores/educadores e que carregam uma carga de *pré-conceitos* advindos do seu lugar no mundo e/ou adquiridos na vivência anterior ao início dos trabalhos. Tratamos o formador/educador como um ser não isento de amarras sociais e passível de aprendizado a partir do momento em que se sujeita à inserção em um ambiente não habitual para a sua realidade. Tendo isso em vista, procuramos localizar nos seus discursos as implicações e as tomadas de posição ante os sujeitos (catadores) e o ambiente (UT) no qual estão inseridos, com vista à reflexão ativa em torno das implicações relacionais/educativas dos seus modos de ser e atribuir sentido às suas práticas.

Os relatos recebidos provêm de questionário realizado nos meses de janeiro a março de 2012 junto a membros da equipe que atua no Tecnosocial Unilasalle (analistas de projetos e estagiários) oriundos de diversas áreas do conhecimento, sendo duas mulheres e quatro homens, na faixa de idade entre 22 e 30 anos. Contribuíram para a pesquisa E., 24 anos, graduado em design; R., 22 anos, graduando em engenharia ambiental; T., 22 anos, graduada em pedagogia; K., 29 anos, graduada em pedagogia; J., 30 anos, mestre na área da Educação.

Todos os participantes estão ligados a projetos da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários do Tecnosocial/Unilasalle. Há não só uma pluralidade de áreas acadêmicas, mas também de motivações que resultaram no envolvimento com a Economia

³ Por formadores/educadores compreendemos aqueles indivíduos que desempenham alguma atividade formativa junto aos coletivos de catadores dentro do âmbito do projeto.

Solidária. Essas motivações são muito importantes para a análise das entrevistas, porque o estudo leva em consideração não só os pontos de vista profissionais, mas também a carga de opiniões pessoais que cada um dos sujeitos carrega consigo, socialmente marcadas. A perspectiva teórica parte de conceitos apresentados por José de Souza Martins em “O senso comum e a vida cotidiana”, do livro *A Sociabilidade do Homem Simples*, e a noção de campo conforme explicitada por Pierre Bourdieu.

2. DOS SUJEITOS E SEU CONTEXTO

Ao estabelecermos um *corpus* empírico, delimitamos o olhar investigativo, pois toda a nossa atenção volta-se para os sujeitos que são o foco da pesquisa. No nosso caso, optamos por investigar as narrativas daqueles que estão diretamente vinculados aos catadores, mas não o são, isto é, dos formadores/educadores do Tecnosocial Unilasalle, tendo em mente que estas narrativas são constitutivas não só das ações por eles engendradas, mas também do seu modo de ver e agir no mundo.

O auto-relato pode ser tomado como um *locus* privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural. A biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária. (CARVALHO, 2003, p. 283)

Ao narrarem suas hipóteses acerca do campo em que se inserem, bem como as experiências que vivenciaram neste mesmo campo, os sujeitos contam-se, constroem-se como indivíduos situados em determinado espaço e tempo, imbricados nas regras que este campo determina previamente antes mesmo da sua entrada propriamente dita (BOURDIEU, 2007, p. 139). Os indivíduos atuantes em movimentos sociais – sejam do campo da economia solidária, sejam das organizações de base, entre outras – traçaram uma trajetória, planejada ou não, para atingirem seu objetivo: participar ativamente das demandas apresentadas pelos grupos que passam a apoiar ou fazer parte (MELLUCI, 2005). Desse modo, adquirem um *habitus* que faz parte da entrada neste campo (BOURDIEU, 2007, p. 134) e que é imprescindível para a sua “movimentação” no contexto. O campo em que adentram possui seu próprio *idioma*, suas categorias, enfim, seus saberes e fazeres e que o aprendizado destes códigos faz-se necessário para o reconhecimento destes dentro do contexto que não é o seu. A aprendizagem destes códigos facilita a entrada destes sujeitos dentro do campo de ação que anteriormente não lhes pertencia.

Nossos sujeitos de pesquisa inserem-se no campo de atuação entre catadores a partir da atuação em projetos vinculados ao Tecnosocial Unilasalle, ocupando o espaço de formadores/educadores. Muitos deles não são nativos do campo dos movimentos sociais (BOURDIEU, 2002). Ao entrarem no campo, são um corpo estranho que necessita dialogar

com aqueles que não são seus pares, isto é, os catadores. Neste movimento de entrada surgem expectativas, anseios, mas também demandas que constituem objetivos/metapas dos projetos executados junto às UTs – por um lado este cenário pode mostrar-se conflitante; por outro, pode vir ao encontro dos ideais a que aderem aqueles que estão atuando com os catadores.

3. O CATADOR: ESSE ESTRANHO

A atividade de catador, vinculado a uma associação/cooperativa ou autônomo, tem ganhado maior relevância a partir da década de 1990, pois neste período, embora já houvesse muitos, iniciaram-se as atividades de coleta seletiva na região metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Em Canoas, especificamente, este processo se efetivou somente nos anos 2000, ainda que com muita timidez. Embora esta seja uma atividade secular no Brasil (MARTINS, C., 2002), o interesse acadêmico por esses sujeitos ainda é bastante pequeno.

Atualmente, dado não oficial, Canoas conta com cerca de 800 catadores entre os organizados em associações/cooperativas e os autônomos. O volume de resíduo descartado periodicamente é objeto de trabalho de um grande número de pessoas que atuam nesta atividade. Essas pessoas sobrevivem da coleta, triagem e comercialização de resíduos recicláveis e, em muitos casos, encontram-se organizadas em grupos, buscando eficácia produtiva e política nas demandas por seus direitos. Articulados aos processos de exploração do sistema capitalista, os catadores têm participado da gestão de resíduos, constituindo um tipo de “inclusão precária”⁴ (MARTINS, 2008, p. 85), pois usufruem parcialmente os benefícios sociais (isto não inclui somente programas de transferência de renda, mas, principalmente, o reconhecimento e a ação destes sujeitos na sociedade da qual fazem parte). Estes trabalhadores, de maneira recorrente, encontram-se em situação de vulnerabilidade social, considerando-se a informalidade de vínculos, a insalubridade no trabalho, a precariedade de suas moradias e os limites para o acesso ao sistema de educação e saúde pública. O trabalho dos catadores é parte de um itinerário de inserções informais no mundo do trabalho, contrastada com o desejo de uma ocupação estável desejada por muitos (CARGNIN et al., 2011, p. 77). Este posicionamento, organizado a partir das necessidades de sustento, segundo nos parece, remete à frágil vinculação dos catadores à reciclagem e às questões ambientais.

⁴ Para Martins não é possível falarmos de uma exclusão total dos sujeitos das questões políticas e sociais; se assim o fosse, teríamos que falar em exclusões, pois elas abrangem ora um espaço de ação, ora outro; dessa forma, Martins prefere estabelecer a ideia de inclusão precária, na qual as diversas exclusões dinamicamente atuam ou se findam, conforme a situação histórico-social de cada indivíduo.

4. NARRATIVAS E VIVÊNCIAS

Independentemente da formação acadêmica, todos carregam uma série de pré-conceitos⁵ advindos de sua formação como indivíduos, desde a infância, formados livremente pelo sujeito ou impingidos pelo meio em que vive. Por conta disso, o impacto gerado pelo choque cultural que se tem ao adentrar em um ambiente divergente do seu, variando de pessoa para pessoa, é de grandes proporções. Por mais que a escolha profissional de cada um leve a conviver com difíceis realidades, mesmo havendo preparo para tal convivência, invariavelmente há um choque inicial.

Na Economia Solidária⁶, mais especificamente no trabalho realizado pelo Tecnosocial Unilasalle com as UTs, o pesquisador entra como parte detentora das técnicas e do conhecimento necessário para que, ao fim, o resultado líquido gerado seja o sucesso da pesquisa em si e a melhoria humana e da situação de trabalho do grupo auxiliado. Contudo, não se pode esquecer que o ensino, fugindo à tradicional e antiquada ideia de que unicamente o professor transmite o conteúdo e os alunos aprendem, é uma via de mão dupla, e a possibilidade de aquisição de conhecimento e evolução não está presente só no público-alvo, mas também no formador/educador/pesquisador que na convivência revê conceitos, bem como forma outros, evoluindo assim concomitantemente com os educandos.

Iniciamos o trabalho analisando as impressões prévias de cada um dos entrevistados quanto às suas visitas técnicas iniciais nas UTs. Seus relatos são de real importância, para que no resultado final se apresentem as mudanças e aprendizagens de cada indivíduo durante o tempo de trabalho com Economia Solidária, assim como os pré-conceitos que se confirmaram. Os seis entrevistados apresentaram opiniões iniciais variadas, partindo seus pontos de vista de diferentes vieses, do ambiente ruim para o trabalho, das más condições de higiene, da sobrevivência com a reciclagem à diferença de realidades com relação a dos trabalhadores das UTs.

A maioria dos relatos recebidos é de pessoas que não possuíam conhecimento algum sobre como funcionava uma UT e tão pouco do ambiente que encontrariam ao visitar um desses locais, à exceção de uma das entrevistadas, que por morar próximo a duas dessas cooperativas já possuía algum conhecimento do que seria visto em uma incursão.

⁵ Segundo Lawn, para Gadamer “O preconceito não é uma forma distorcida de pensamento que precisa ser lapidado antes de vermos o mundo corretamente” (LAWN, 2007, p. 12); como estamos imersos na linguagem e na cultura, eles seriam inevitáveis, contudo isso não significa uma imutabilidade de posturas cognitivas, mas tão somente um ponto de partida comum a todos aqueles que participam do mesmo universo linguístico e cultural.

⁶ Compreende-se Economia Solidária como uma nova forma de viver e produzir baseada em princípios de autogestão, cooperação, democracia e sustentabilidade, em que seus atores são agentes ativos nos processos de produção e gestão de empreendimentos.

*O trabalho na reciclagem não era novidade para mim, bem como já tinha ideia de como as pessoas trabalhavam e como acabavam parando lá, uma vez que resido perto de duas cooperativas (Coarlas e Renascer). *T**

Os sujeitos apresentaram opiniões prévias semelhantes quanto à precariedade do local, à relação de sobrevivência ligada ao processo de reciclagem e ao desenvolvimento de tal processo, à organização utilizada e ao aspecto do catador em si.

*Não imaginava. Tinha conhecimento da existência de empreendimentos coletivos, mas não tinha ideia de como eles funcionavam, como as tarefas eram divididas, etc. *J**

*Antes de conhecer pessoalmente uma Unidade de Triagem de Resíduos não tinha noção de como os processos realmente acontecem, pensava ser uma espécie de depósito de lixo, onde as pessoas aproveitavam o que podiam. Não imaginava que nesses locais há uma forma de trabalho organizado, com procedimentos e regras a seguir. *K**

*A minha incursão nas unidades de triagem trouxe um aprendizado incrível, desmistificando e concretizando algumas ideias a respeito do assunto. Antes de entrar em uma UT, imaginava um cenário em que os resíduos entravam e, em sistema com certa organização, ele era triado e seguia o fluxo até ser vendido. Também, visualizava pessoas simples e em situação vulnerável, que se dedicavam aquele propósito, trabalhando para garantir uma renda digna e poder sustentar a família. *R**

*Quando fiz a entrevista de emprego aqui, deixaram claro que os ambientes não eram os mais “bonitos”. Eu já tinha ciência de que as UTs eram locais com sujeira, baratas e ratos. *E**

Pode-se observar que existe uma série de termos peculiares nesses relatos iniciais, como “funcionamento”, “tarefas”, “processo”, “organização”, “simples”, “vulnerável” e “sujeira”, delimitando de maneira prática qual foi o aspecto de destaque que cada um dos entrevistados focou em sua primeira visita e de qual ponto de observação veio o maior choque de realidade gerado pelo primeiro impacto. Alguns desses termos, por vezes comuns a mais de um dos relatos, são relevantes, pois, como já dito, os seus usos podem revelar o ponto de vista de cada um dos entrevistados e justificá-lo.

O primeiro impacto é o momento de maior importância para o presente artigo, pois é nele em que se forma a carga de sentimentos, por vezes involuntários, como a sensibilização perante as condições humanas das UTs, assim como aversão, que não se encontra presente nos relatos. Invariavelmente é com esses sentimentos iniciais que o colaborador faz as visitas seguintes, podendo reformulá-los conforme avança no trabalho para uma otimização de suas

funções e melhor aproveitamento das atividades tanto na adequação das condições do ambiente (dependendo do propósito das visitas), como também para seu próprio crescimento pessoal e intelectual. Seguem então os textos referentes à narrativa pessoal relativa ao impacto inicial dos entrevistados:

*A primeira visita a um empreendimento de reciclagem me mostrou um novo modo de vida e de mundo, diferente do conhecido até a ocasião. Trata-se de um lugar de vida onde homens e mulheres, na grande maioria mulheres, trabalham para manter a família e oportunizar educação aos filhos. Uma experiência muito interessante, nada fácil, mas de grande valor. *J**

*Já havia ido algumas vezes nessas cooperativas, mas no decorrer do trabalho desenvolvido aqui, no Tecnosocial, pude compreender melhor os processos que se desenvolvem e como essas pessoas enxergam seu próprio trabalho. Nesse caminhar algumas ideias confirmaram-se outras apontaram em diferentes direções, desmistificando o trabalho cooperativado. *T**

*Minhas primeiras impressões foram a respeito do ambiente de trabalho, que muitas vezes não oferece condições de higiene e segurança necessária aos trabalhadores, mas que mesmo assim enfrentam as dificuldades, pois tiram dali o seu sustento e o da família. Também não é difícil perceber que o trabalho nas reciclagens é uma alternativa de geração de renda para pessoas de baixa escolaridade, idosas, ou até mesmo deficientes, que acabam sendo excluídos do mercado formal de trabalho. *K**

*O primeiro impacto que tive ao conhecer esse cenário foi de fuga da realidade, pois já havia presenciado situações parecidas, mas a ideia de organização, por exemplo, em alguma das visitas não presenciei. *R**

*Quando visitei os galpões fiquei chocado com a precariedade do trabalho de alguns. Outra coisa que impacta é a quantidade de lixo. Nem nos damos conta da quantidade de lixo que uma cidade gera por dia. Visitar as UT's é bacana por isso, pois temos um choque de realidade e "acordamos" um pouco desse "mundo de fantasia" que a gente imagina. *E**

Não só de impressões negativas formaram-se as narrativas relativas ao impacto inicial. Por vezes fica bastante difícil colocarem-se no lugar daquela pessoa (catador). Também foram frisados pontos positivos, como a organização das UTs, a alternativa de sustento familiar e a busca por uma realidade diferente de oportunidades para seus filhos. A partir de então, para alguns, começam a se formar os conceitos da real importância do papel do reciclador para a sociedade como um todo, visto que o contato com o lixo, das pessoas em

geral, é bastante pequeno, limitando-se, quando muito, a fazer a divisão dos materiais para a reciclagem e separação do lixo seco e orgânico. É na mão desses recicladores que tem início o processo de reaproveitamento e eliminação da grande massa de lixo gerada todos os dias e que nós, na maioria das vezes, não temos a preocupação de saber para onde vai.

É justamente aqui, nas narrativas relativas ao primeiro impacto, que se tenta estabelecer uma ruptura entre os conceitos pré-estabelecidos e os construídos pelos sujeitos durante a vivência. Aqueles conceitos formam-se, em geral, por meio de senso comum, que é articulador de significado para determinadas relações sociais, formando então o conhecimento reciprocamente compartilhado nas mesmas, inviabilizando que os participantes imponham os seus próprios significados. Então, nessa relação social que não necessariamente parte de significados preestabelecidos para que se concretize a relação, a qual dá-se em um processo interativo de imaginação, interpretação, reformulação, reinterpretção, para que se formem os significados compartilhados que vão pautar a relação entre uma pessoa e outra. (MARTINS. J. S., 2010, p. 54)

Fugir de perspectivas geradas por um senso comum talvez seja a maior dificuldade dos sujeitos que por algum motivo se inserem em um trabalho que os leva diretamente ao encontro de realidades extremamente contrárias às suas. Já está no imaginário, principalmente nas camadas médias e altas da sociedade, a marginalização das comunidades carentes. Nota-se, então, que ao longo do período de trabalho dos entrevistados nas UTs há a clara tentativa de modificação de seus próprios pré-conceitos, como também a admiração resultante da convivência. A partir de então a análise estará voltada ao resultado proveniente de um longo tempo de trabalho dos colaboradores do Tecnosocial nessas cooperativas, explorando seus relatos finais sobre as impressões que se arraigaram ao longo de suas atividades com a Economia Solidária. A importância aqui é explorar as opiniões construídas com o trabalho, assim como as remanescentes de sua vivência.

*Eu fiz essa pergunta para um jovem que trabalhava no empreendimento. Ele me respondeu: "Uma outra pessoa". Depois que o jovem conheceu e atuou no empreendimento, a vida dele mudou. Agora ele vê o reciclador como "uma outra pessoa". Se eu falar que o empreendimento e a vida das pessoas não me tocaram, estarei mentindo. Fui tocado pela vida das pessoas que trabalham na unidade de triagem. Agora posso dizer com segurança que há vida e ela se dá em abundância no empreendimento. *J**

*Pode-se perceber a crescente busca por alternativas nesse meio, a necessidade do reconhecimento e de um trabalho que contribua no desenvolvimento pessoal e coletivo. São impressões que construí no decorrer de tempo que trabalho aqui. *T**

*Com a convivência nas UT's percebe-se a vontade de mudança e melhoria nas condições de trabalho e de vida no geral de muitas pessoas que lá estão, mas também a resistência de muitos em aperfeiçoar os processos de trabalho, em aceitar as "normas" para melhor convivência nos espaços, assim como as relações que se estabelecem dentro das unidades, pois como são trabalhadores de associações e/ou cooperativas, não deveria haver a figura de "patrão" ou "chefe", o que nem sempre é respeitado pelas coordenações dos galpões. *K**

*Após algumas visitas comecei a entender que se tratando de grupos formados por pessoas que estavam exercendo aquela profissão por falta de outro emprego, a organização e a perspectiva de crescimento não eram tão boas. Uma das situações que imaginava antes de conhecer os galpões ganhou força, a da precariedade do local em que algumas pessoas trabalham, sendo um dos principais motivos da alta rotatividade destes trabalhadores. *R**

*Mas a coisa que mais impressiona e admira são as pessoas que trabalham lá. Sabemos dos históricos de vida de alguns e todas as agruras que enfrentam. Mesmo como todas as dificuldades eles trabalham com vontade, com gosto e com felicidade. Alguns desses trabalhadores são ótimos exemplos de vida. Conhecer essas pessoas e suas realidades de vida e trabalho é importante, pois muda bastante nossa visão sobre as coisas. Eu mesmo mudei muito meu jeito de pensar e também mudei algumas questões pessoais, ideológicas e de projetos de vida. *E**

5. RESULTADOS

Pensar as trajetórias dos sujeitos da pesquisa a partir do seu percurso de inclusão nas UTs mostrou que a maioria destes ainda não conhecia tampouco vivenciava a realidade de tais espaços. Por esse motivo, construíram pré-conceitos que os acompanharam até a inserção nesses sítios. As noções do que seriam as UTs podem ser aquelas denominadas de senso comum, o que de maneira nenhuma desmerece os posicionamentos, apenas nos diz que, antes mesmo de conhecermos determinada realidade, elaboramos mecanismos para compreendê-la. Trata-se de um movimento natural, diante de um universo completamente distinto daquele vivido/experenciado pelos formadores/educadores; neste sentido, Carvalho coloca, a partir da reflexão de Sahlins, que "As pessoas, enquanto responsáveis por suas próprias ações, realmente se tornam autoras de seus conceitos; porque, se sempre há um passado no presente, um sistema a priori de interpretação, há também 'uma vida que se deseja a si mesma'" (SAHLINS, apud, CARVALHO, 2003, p. 286).

Com a chegada dos sujeitos ao campo, verificamos que as formulações anteriores se confirmaram em parte: de um lado, a precariedade, a questão de como lidar com o lixo, a necessidade de subsistência que levou os trabalhadores da reciclagem a aderirem a esta ocupação; de outro, um movimento de avaliação de potencialidades, possivelmente influenciado pelo papel que os formadores/educadores desempenham nas UTs. Destacamos, ainda, que as vinculações e os laços estão para além do trabalho desenvolvido, isto é, os sujeitos não se preocupam apenas com as metas que os projetos necessitam alcançar junto aos coletivos de trabalhadores, mas também com tomadas de posição ante outras esferas de relação (bem-estar/mal-estar, relações de poder e interpessoais). Para o formador/educador sua tarefa transpassa, muitas vezes, o limite de atuação profissional, porque as trajetórias de vida e as tomadas de decisão neste campo passam por outras racionalidades que não são exatamente aquelas derivadas dos objetivos/metast dos projetos executados. Se classificarmos estes contexto como de crise e as ações dos formadores/educadores como uma tentativa de superação dos entraves ali postos, podemos dizer, conforme Benjamin (1987), que a ligação entre narrativa e experiência, em contextos de crise, constitui-se como uma qualidade comunicativa, ou, ainda, que “O laço indissociável entre a experiência e a sua (re)elaboração na condição de narrativa – enquanto abertura para revivificar e ao mesmo tempo recriar o vivido – é central para a análise de relatos autobiográficos” (CARVALHO, 2003, p. 287).

Partimos da premissa de que nossos sujeitos de pesquisa teriam dois universos discursivos oriundos de duas temporalidades, isto é, as noções anteriores ao contato com os catadores e as posteriores. Podemos verificar que estes dois discursos relacionam-se entre si de duas formas: primeiro, há a afirmação, mesmo que parcial, das ideias iniciais; segundo, as ideias iniciais são complementadas com informações advindas da inserção no campo, como, por exemplo, lógica de trabalho nas UTs, perspectivas de crescimento dos catadores, entre outras. Por fim, destacamos que esse duplo movimento – afirmação/complementação – é parte da significação que estes sujeitos criam para explicitar seu campo de atuação, suas tomadas de posição e perspectiva de ação junto aos grupos de catadores. O encontro destas duas temporalidades sempre se dá no presente, pois é no instante da explicitação que ambas se entrelaçam e significam. Essa união do passado do presente – que é a memória para S. Agostinho – e o presente em si por meio das narrativas é constituinte das identidades daqueles que se narram. Cremos que as implicações das trajetórias destes formadores/educadores interfere nos modos de ser/estar no mundo e, mais do que isso, nos modos que tratam as suas inserções junto as comunidades de catadores, ou seja, estão imbricadas em um universo de significação que transcende, no mais das vezes, as suas próprias trajetórias, justamente porque se constituem em relação com outros, ora semelhantes (seus pares), ora distintas (dos catadores). Refletir acerca dessas tomadas de posição e suas repercussões junto às UTs pode auxiliar na tarefa árdua de trazer novas/outras significações tanto para o trabalho do catador quanto para a tarefa dos formadores/educadores.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARGNIN, T. et. all. *Estudo do Perfil Socioeducacional da População de Catadores de Materiais Recicláveis Organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho - Região Sul - Relatório Final*. 2010. (Relatório de pesquisa).

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, jul. 2003.

MARTINS, C. H. B. Catadoras/recicladoras na Região Metropolitana de Porto Alegre: organização do trabalho e identidade profissional. *Mulher e Trabalho*, Porto Alegre, v. 5, 2003, p. 65-78.

MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGERA, M. *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade*. Campinas: Editora Átomo, 2003.

MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.